

Nilo não consegue pôr senadores em plenário e se rende

A alguns amigos mais próximos, o líder do Governo no Senado, Nilo Coelho (PE), tem manifestado, quase em tom de desabafo, desalento com a bancada majoritária, por praticamente não poder contar com ela para a aprovação de qualquer matéria.

Embora a bancada governista conte com 37 senadores, três além do mínimo exigido para a aprovação de qualquer proposição, inclusive proposta de emenda constitucional — que precisa ter maioria absoluta de votos favoráveis, ou seja, metade mais de um de cada Casa do Congresso —, sua mobilização se tem tornado cada vez mais difícil.

O senador Nilo Coelho começou a enfrentar o problema já em fins do ano passado, quando quis colocar sua maioria em plenário para pôr fim à obstrução que a Oposição vinha fazendo há meses, não contribuindo com sua presença para efeito de quórum.

Nilo Coelho precisou desdobrar-se em esforços para, em poucos dias, conseguir reunir sua maioria em plenário. Alguns dos seus liderados chegaram a lhe dizer, segundo se soube, que, se fosse para atender ao seu chamado pessoal, se fosse para votar alguma coisa do seu especial interesse, estariam prontos para atendê-lo, mas para votar matéria do interesse do Governo não o fariam.

É a forma que alguns senadores do PDS encontraram para manifestar seu protesto contra o tratamento que vêm recebendo ou da parte dos governadores dos respectivos estados ou da parte de alguns altos escalões do Governo federal.

Alexandre Costa, do Maranhão, Dinarte Mariz e Martins Filho, do Rio Grande do Norte, Lomanto Júnior, da Bahia, Amaral Furlan, de São Paulo, e Luís Cavalcante, seriam alguns desses senadores, com os quais, por motivos um tanto diversos, Nilo Coelho não poderia contar inteiramente.

SUCESÃO

Alexandre Costa, porque estava vendo que o encaminhamento da questão sucessória em seu Estado não iria contemplar sua aspiração de ter o seu nome lançado. E tinha razão. Verifica-se agora que o candidato deverá ser o seu colega e presidente nacional do PDS, José Sarney. Se antes ele já tinha uma expectativa de motivo para não atender aos chamados do líder, agora ele tem um motivo concreto e acabado. Essa também é a razão de Lomanto Júnior, que também queria ser candidato a governador, mas teve o caminho bloqueado pelo governador Antônio Carlos Magalhães. Já Dinarte Mariz e Martins Filho viram-se marginalizados no processo de escolha do candidato a governador pelo Rio Grande do Norte. O governador Lavoisier Maia acabou impondo o candidato que quis, seu sobrinho José Agripino Maia.

A "rebeldia" de Luís Cavalcante é de outro tipo. Não está relacionada com a sucessão estadual, mas sim com o rumo que o Governo federal vem dando à administração pública e ao processo político. O senador vem apontando erros na condução da política econômico-financeira e expressando desapontamento cada vez maior com os "casuísmos" de que lança mão o Governo para levar a Oposição mantida ao pleito de 15 de novembro. E o problema de Amaral Furlan não tem nada a ver nem com uma coisa, nem com outra. Sua insatisfação decorreria do não atendimento de determinados pedidos na área federal.

Com isso, a maioria com que de fato pode contar o líder Nilo Coelho fica reduzida para 30,31 ou 32 senadores.